

Artigo para o Observatório da Imigração – GARSE



A inseparabilidade das experiências familiares e económicas: um olhar sobre os jovens do bairro da Quinta da Fonte

Otávio Ribeiro Raposo

Introdução

Um dos grandes debates travados (e que continuam a sê-lo) nos domínios das ciências sociais e da economia refere-se ao “mito da separação dos mundos do trabalho e da família”. De acordo com esta teoria, seriam os processos de industrialização e de modernização os responsáveis pelo afastamento entre ambas as dimensões, pensadas enquanto domínios antagónicos da vida social dos indivíduos. Um dos grandes defensores desta perspectiva foi o sociólogo Talcott Parson, que interpretou o desenvolvimento do capitalismo associado à perda da importância dos laços familiares nos assuntos de âmbito económico.

De acordo com este autor, o “grau de civilização” de uma sociedade poderia ser pensado a partir da forma pela qual os laços de parentesco são vivenciados. Assim, acaba-se por transmitir a ideia de que nas sociedades onde o peso do parentesco é maior teríamos menos civilização e/ou sociedades com um baixo nível de desenvolvimento tecnológico. Ou seja, a diminuição das famílias numerosas, a perda dos laços de parentesco, a redução das unidades familiares e o desenvolvimento de um individualismo associado a uma racionalidade económica direccionada ao lucro seriam atributos essenciais de uma sociedade moderna e civilizada. Segundo esta concepção funcionalista, a industrialização alterou o papel da família, assim como a sua relação com outras instituições sociais, repercutindo-se numa perda da sua importância no conjunto das actividades produtivas. (Pleck 1976:179). Como sublinha a antropóloga Antónia Lima, a separação entre as esferas de acção do parentesco e da economia possui uma forte carga ideológica, constituindo-se como um elemento constitutivo *do sistema capitalista moderno que, ao retirar à família e às relações interpessoais a sua importância na produção das actividades económicas, impede-nos de ver uma parte crucial das actividades e relações sociais através das quais se produz e reproduz o sistema.* (2004:117).

Desta forma, cria-se uma divisão artificial entre os domínios da economia e do parentesco, baseada numa suposta distinção de actividades e de

objectivos, nas quais as interferências mútuas seriam praticamente inexistentes. Esta argumentação pensa ambas as dimensões isoladamente, dividindo-as em diferentes unidades emocionais e geográficas. Isto é, enquanto o domínio da economia estaria relacionado com as esferas da impessoalidade, da racionalidade, dos interesses, dos objectivos e com as normas públicas e universais, o domínio do parentesco estaria ligado ao que é familiar, íntimo, emocional e às normas particulares e pessoais. As próprias forças políticas e produtivas da nossa sociedade capitalista são as principais responsáveis pela propagação desta ideia de incompatibilidade entre as duas dimensões, muito aceite nos discursos de senso comum e até mesmo no interior das ciências sociais. Todavia, um conjunto de investigadores tem vindo a rebater estas teorias, salientando o carácter multidimensional da vida social. A inseparabilidade das várias esferas sociais seria o caminho a seguir, pois nas vidas em sociedade não existiriam dimensões independentes, já que sem entender a base afectiva, compreensiva e familiar não poderemos entender os domínios dos objectivos, dos interesses, da racionalidade ou mesmo das relações laborais.

A necessidade de apreender a dimensão económica entrelaçada com a dimensão do parentesco foi o que demonstrou a investigadora Antónia Lima no seu estudo sobre as empresas familiares. Este tipo de organização pode ser considerado como uma espécie de “caricatura” da indissociabilidade entre estas duas esferas (família e economia), pois as suas relações económicas estão tão imersas em relações de parentesco que se torna quase impossível concebê-las isoladamente. Como explica esta autora: *se queremos compreender as sociedades capitalistas temos de começar por perceber como se produzem as motivações, identidades e estratégias capitalistas dos sujeitos, pois não podemos simplesmente presumir que estas pessoas perseguem estratégias económicas racionais motivadas por um qualquer interesse universal de acumulação de capital. Para levar a cabo este tipo de análise teremos, portanto, de reflectir sobre os sentimentos, significados e subjectividades que motivam e formam as acções empresariais nas suas práticas e experiências quotidianas, alargando o âmbito de reflexão e*

destruindo as fronteiras do que se define como actividade económica, organização e estratégia empresarial, família e parentesco. (2004:134).

Se, por um lado, podemos considerar que a industrialização e outras transformações registadas na estrutura do trabalho e da economia influenciaram e alteraram a vida familiar, constatamos também que esta dimensão continua a ser fundamental para a compreensão das temáticas económicas e produtivas na sociedade actual. O entendimento e a concepção das famílias foram alterados, os seus significados e as suas formas transformaram-se, mas a esfera do parentesco continua a manter um carácter decisivo na reprodução do sistema capitalista e de um determinado modo de vida. Assim, para apreender um pouco da realidade dos jovens descendentes de imigrantes africanos da Quinta da Fonte, bairro localizado no Concelho de Loures, tivemos de articular a esfera do parentesco a dimensões referentes à economia, pertença étnica e trajectórias escolares e profissionais. Só desta forma poderíamos identificar o peso relativo que as diferentes condições estruturais – neste caso as relativas à condição de classe e à filiação étnica – teriam no desenvolvimento das estratégias de socialização utilizadas pelas famílias destes jovens. E também perceber como estes factores actuam na construção de determinadas trajectórias escolares e profissionais.

Dito por outras palavras, tentamos descobrir qual a importância da situação de classe e da pertença étnica para a compreensão dos tipos de inserção laboral, em que a precariedade é um sinal distintivo. E de que forma as estratégias de socialização familiar influenciam e interagem na construção de um determinado percurso escolar e profissional. Tendo em conta a inseparabilidade das diversas esferas sociais, observar a maneira como estes vários domínios interagem entre si seria a melhor forma de conhecer alguns aspectos da realidade social vividos por estes jovens. Antes de relacionarmos este conjunto de dimensões, achamos premente fazer uma breve descrição histórico-social do bairro onde estes jovens estão inseridos, de forma a melhor situar e contextualizar esta população. Pois o território é um importante componente sobre o qual se criam e formam identificações locais e relações de sociabilidade, influenciando a maneira como se organizam os seus habitantes.

O bairro da Quinta da Fonte: uma breve análise

A Quinta da Fonte é um bairro de realojamento situado na Freguesia da Apelação, no Concelho de Loures, distante entre 30 a 40 minutos de Lisboa numa viagem de autocarro. Com uma população residente de 3153 pessoas¹, este bairro teve o seu início em 1996, ano em que chegaram as primeiras famílias. O processo de formação da Quinta da Fonte decorreu de forma bastante rápida e abrupta para as famílias que para lá foram transferidas. O seu realojamento não foi planeado com antecedência devido à necessidade urgente de esvaziar os terrenos que ocupavam, onde seriam construídas as futuras urbanizações da EXPO 98² e as vias rodoviárias que dariam acesso à ponte Vasco da Gama.

Como ambos os projectos estavam calendarizados e não havia moradias projectadas para serem construídas para abrigar esta população, a Câmara Municipal de Loures, com o apoio do Plano Especial de Realojamento (PER), teve que comprar os prédios que estavam a ser erguidos na Freguesia da Apelação por uma cooperativa de moradores. Estes, na sua maioria, abandonaram o projecto, já que a partilha do bairro com moradores realojados desvalorizaria os seus imóveis, o que acabou por transformar a Quinta da Fonte num bairro fundamentalmente composto por pessoas que habitavam anteriormente barracas e/ou bairros clandestinos. Assim, o bairro da Quinta da Fonte é integrado por 72 prédios que totalizam 776 apartamentos, dos quais 554 pertencem à Câmara Municipal de Loures. Os restantes 194 fogos estão aglutinados em 18 prédios pertencentes aos associados da cooperativa *Cheuni* e *O Meu Ninho*.

A maior parte da população realojada é oriunda de bairros clandestinos localizados na Freguesia do Prior Velho e na Freguesia da Portela³. Contudo, há

¹ Dados fornecidos pelo INE referentes ao Censo 2001 – Recenseamento da População e Habitação.

² A EXPO 98 foi um dos maiores eventos realizados em Lisboa, que proporcionou a requalificação de espaços urbanos envelhecidos e marginais em espaços emblemáticos e cosmopolitas; estabelecer uma redefinição simbólica não só da cidade de Lisboa, mas de todo o país, foi um dos aspectos mais importantes deste projecto. (Baptista, Joan Pujadas 2000)

³ Ressaltamos que alguns desses bairros ainda existem, como é o caso da Quinta da Serra, já que parte do seu território não se sobrepõe às obras de urbanização que foram realizadas.

muitas famílias que habitavam outras freguesias do Concelho, o que evidencia a multiplicidade de origens residenciais dos habitantes do bairro. Na Quinta da Fonte regista-se também uma grande diversidade étnica, pois os seus moradores são⁴:

- 40% de origem africana (na sua maioria cabo-verdianos, angolanos, guineenses e são-tomenses).
- 40% de portugueses ciganos.
- 20% de portugueses não ciganos (entre realojados e membros da cooperativa).

Os residentes realojados foram espalhados pelos diversos edifícios sem qualquer critério. Isto é, as redes familiares e de vizinhança que existiam nos antigos bairros foram completamente ignoradas durante o processo de realojamento. Desta forma, encontramos num mesmo prédio famílias ciganas, africanas e portuguesas provenientes de diversos bairros, situação que teve como consequência o aniquilamento das várias redes de suporte económico e sentimental que facilitavam o seu dia-a-dia. Além disso, não houve a preocupação de explicar para os moradores como funcionavam os recursos existentes nas suas novas casas. Construídas, como fica patente nas palavras do Presidente da Associação dos Moradores da Quinta da Fonte, com material de má qualidade:

Todos se queixam. A população foi realojada sem ninguém lhe ensinar como se utiliza uma porta, uma campainha, o telefone interior, a sanita, toda mal construída em plástico. A população africana trabalha nas obras, com coisas pesadas, pega para partir ou para pôr no lugar, e imagina como é que um pedreiro vai viver numa casa de papelão, plâ-dour e plástico. (...) foi meter num saco e despejar!

⁴ Dados fornecidos pela Divisão Municipal de Habitação da Câmara Municipal de Loures.

Importa realçar que as habitações da Quinta da Fonte foram construídas a uma certa distância das urbanizações mais antigas da freguesia da Apelação, estando um pouco isoladas. Ou seja, os novos edifícios que integram o bairro parecem formar um conglomerado independente das restantes casas do núcleo principal da Apelação, constituindo-se como um mundo à parte, onde os moradores da chamada “Apelação velha” não ousam entrar. Esta apreciação ganha contornos ainda mais evidente quando se trata de uma freguesia pequena como a da Apelação, com uma feição “campestre” e composta por uma população bastante envelhecida.

Para que tenhamos uma melhor dimensão do impacto da Quinta da Fonte no seio desta freguesia recorreremos aos dados relativos à sua dimensão populacional, antes e depois da incorporação do novo bairro. Se em 1991 a população residente na Freguesia da Apelação era de 3419 pessoas, em 2001 este número subiu para 6043⁵, o que representou um aumento no número de habitantes em torno de 77%, em consequência, fundamentalmente, da formação do bairro em questão. Por isso, também é importante perceber como as transformações acarretadas pelo surgimento da Quinta da Fonte afectaram os antigos habitantes desta freguesia. É o que explica o Sr. José Carneiro, vice-presidente do Grupo Recreativo Apelaçonense, uma associação constituída pelos antigos moradores da Apelação:

Aqui na nossa freguesia, e o que foi notório, e toda a gente entendeu, é que foi uma carga muito grande, muito pesada para um meio tão pequeno e de característica rural como nós éramos. (...) Todos os dias sofremos aqui com a pequena criminalidade: é assalto a automóveis, roubam viaturas e incendeiam-nas, assaltam casas em pleno dia, vão aos estabelecimentos comerciais e roubam, utilizam a força, mas miúdos! Miúdos de 12, 13, 14, esses nós já começamos a dizer que já não são miúdos, mas há miúdos de 6, 7 e 8

⁵ Dados fornecidos pelo INE referentes ao Censo 2001 – Recenseamento da População e Habitação.

anos. Depois, a polícia é chamada constantemente, o problema é que a polícia não pode fazer nada.

A existência de algumas situações de conflito – briga entre vizinhos, pequenos furtos, roubos de carros – envolvendo alguns dos moradores da Quinta da Fonte faz com que este bairro seja identificada pelos que não vivem nele como um local extremamente perigoso. Um local racialmente conotado, no qual a imagem dos jovens descendentes de imigrantes africanos é associada ao fenômenos das chamadas *gangs*. Nesta óptica, sempre que se fala em bairros sociais ou de realojamento está-se implicitamente a sugerir uma série de outros elementos, que geralmente incluem a sua fórmula de exposição mediática, tais como a pobreza, a violência, os imigrantes, os ciganos e outras populações que se encaixariam na denominação de “minorias étnicas”⁶. (Fradique 2003:170). Todo este contexto dificulta a relação entre os antigos e os novos habitantes da Apelação, favorecendo a ocorrência de situações de tensão entre eles. Pois os “novos moradores” são considerados como pessoas intrusas e estranhas à sociedade, suspeitos potenciais de ameaçar a segurança e a estabilidade dos que levam uma vida “normal”. *As relações entre novos e velhos residentes, em contextos de mutação social acelerada, tendem a ser conflituais: as mudanças que se revelam incômodas ou desconcertantes para os velhos residentes têm nos novos residentes o bode expiatório* (Baptista e Pujadas, 2000:296).

Esta conjuntura agrava-se ainda mais quando são os próprios meios de comunicação e algumas instituições governamentais as principais responsáveis por categorizar tais populações neste conjunto de estereótipos, formulados a partir de uma visão extremamente simplificada das realidades sociais dos seus membros, na qual o espaço concedido à diversidade é praticamente inexistente. (Bauman 2002). Ou seja, as características dos habitantes da Quinta da Fonte são construídas por discursos exteriores ao bairro, que os identificam fundamentalmente como pessoas problemáticas. Enquanto que o bairro de realojamento aparece como uma unidade sócio-espacial central

⁶ Vale a pena lembrar que, apesar de os bairros de realojamento serem cada vez mais associados a moradias de imigrantes e ciganos, os portugueses das classes mais desfavorecidas constituem o seu principal núcleo populacional. No caso específico do bairro da Quinta da Fonte, esta situação, como foi abordado anteriormente, não se verifica.

quando se trata de atribuir um lugar como fonte da violência e dos problemas da cidade. (Fernandes 2000:55). O facto de a maior parte dos habitantes da Quinta da Fonte serem ciganos ou de origem imigrante reforça este tipo de argumentação, o que suscita grande insatisfação por parte dos seus moradores, como fica patente nas palavras de um jovem da Quinta da Fonte:

Eles não partilham muito com os que moram num bairro social. Acham que quem mora nos bairros sociais é porque é bandido, porque é isso, ou porque é aquilo, e eu acho isso mal, devem saber primeiro o que se passa para depois falar. [Entrevistado nº3, descendente de guineenses, 21 anos.]

O uso do conceito de minoria étnica nos discursos da esfera pública e política tem o intuito de delimitar uma vasta gama de “culturas” e nacionalidades, com base em características socioculturais que difeririam dos costumes portugueses. Nesta discussão está implícita a ideia de que as minorias étnicas seriam uniformes e culturalmente diferentes do “grupo maioritário”, neste caso os portugueses, também avaliados de maneira estática e homogénea, ou seja, culturalmente una e indivisível. Aquilo que os novos estudos etnográficos parecem demonstrar é que esta homogeneidade é tão artificial no caso dos portugueses quanto no de diversos grupos minoritários. E que o estatuto de minoria étnica atribuído aos imigrantes e outros grupos étnicos acaba por “menorizar” estas populações. O que tem como consequência o afastamento dos seus integrantes dos “centros de poder”, pois é-lhes dificultada a participação política com base na argumentação de pertencerem a uma cultura diferente e/ou divergente.

Este processo de “menorização”, realizado principalmente pelas autoridades e meios de comunicação, confere às minorias étnicas uma identidade estigmatizada e negativa, pois esta categoria costuma estar associada à pobreza, à violência, à negritude, aos bairros de realojamento, aos trabalhos precários, às drogas, enfim, a uma vasta gama de atributos estereotipados e preconceituosos. *A associação entre etnia, desigualdade social e cultura leva a pensar nas*

minorias étnicas como uma espécie de nova classe cultural, tornada homogénea exactamente a partir de uma mistura pouco clara dessas três categorias e criada, sociológica e politicamente, para gerir as novas configurações inerentes às sociedades pós-coloniais. (Fradique 2003:140).

Na verdade, o conceito de minoria funciona como um código dado pela “cultura dominante” que serve para as instituições políticas e sociais simplificarem e delimitarem determinados contextos vistos como problemáticos. E muitas das pessoas que são considerados minoria por estas instituições não se concebem como tal, sendo poucas as que se sentem plenamente identificadas com o estatuto de inferioridade que caracterizam esta denominação. Como é sublinhado por Hans Vermeulen: *A ‘imagem de nós’ ganha forma apenas em contraste com a ‘imagem deles’. De resto, os grupos em interacção quase nunca têm a mesma definição da situação ou das identidades de cada um e, com frequência, influenciam-se reciprocamente nas percepções – de forma desigual, porque raramente existe um equilíbrio de poder. (2001:24).*

A maior parte da população da Quinta da Fonte é duplamente segregada e discriminada, pois, além de habitar um bairro com péssima fama, está incluída na categoria estigmatizada de minoria étnica. Neste contexto, os seus residentes possuem um estatuto social bastante frágil, na medida em que estão inseridos num ambiente sociocultural de fraca estabilidade e protecção⁷. As suas identificações locais estão marcadas por diversos discursos preconceituosos, o que propicia uma limitação de perspectivas e possibilidades de ascensão social. Isto é, a forma como o espaço está organizado e é representado pela sociedade acaba por contribuir na perpetuação e sedimentação dos estatutos precários dos seus habitantes. Esta realidade pode ser melhor entendida pelas palavras de um jovem residente da Quinta da Fonte, que, ao ser questionado sobre as maiores dificuldades enfrentadas por quem procura trabalho, nos responde:

Eu acho que é o próprio bairro, notícias que tem no bairro. Às vezes, quando você quer arranjar um

⁷ Grande parte dos moradores da Quinta da Fonte não tem a cidadania portuguesa – nomeadamente os seus imigrantes e seus descendentes –, situação que limita os seus direitos de cidadania.

emprego e diz que é de um bairro, desse bairro, sempre que é falado num desses bairros é só violência; às vezes a pessoa prefere não te dar emprego só por ser desse bairro. E é muito chato porque não sabe, pode haver pessoas aqui melhor que outras pessoas e essa pessoa por estar num bairro que apresenta uma imagem diferente, uma imagem não violenta, a pessoa acaba por ficar no emprego, e o outro, só porque pertence a um bairro que é mal falado, tem um mal ambiente, acaba por ficar sem emprego. [Entrevistado nº1, descendente de cabo-verdiano, 24 anos.]

Quando a posição de classe e a estratégia educacional são indissociáveis

Em alguns estudos percursos sobre as estratégias familiares na educação dos filhos, como é o caso da obra de Melvin Kohn, verificou-se a importância das condições de ordem estrutural. Nesta investigação, publicada em 1959, o autor defende que as famílias com pertenças de classes diferenciadas desenvolveriam distintos valores, em virtude de condições de vida específicas, que se expressariam em modos de socialização familiar diferenciados. (Seabra 1999:21).

Embora não queiramos cair num “fatalismo sociológico” – que faria com que qualquer indivíduo que nascesse no seio da classe trabalhadora tivesse o seu percurso emocional e intelectual comprometido –, a localização de uma família na hierarquia das classes sociais influencia a construção de distintos projectos de vida e de socialização familiar. Pensamos que este conceito deve ser entendido como um processo interpretativo em que se conjugam a adaptação e a acção. Ou seja, não devemos pensá-lo como uma “corrente de transmissão” unívoca e estática, cuja transmissão e recepção de regras e valores entre gerações é passada passivamente “de cima para baixo”; mas,

antes, como um processo cumulativo de experiências relacionais e de vivência quotidiana, cuja interpretação apresenta uma vasta heterogeneidade. Para tentar não ignorar esta faceta, muitos autores preferem usar a denominação de “processo em constituição”, pois *este dá conta, de uma forma dinâmica, do permanente processo de formação das pessoas e permite evitar um certo determinismo subjacente ao conceito de socialização, não retirando peso e importância à família.* (Lima 2004:129).

Em relação aos jovens da Quinta da Fonte, todos os membros de associações e instituições presentes no bairro enfatizaram, com veemência, as suas graves dificuldades económicas. A Pastoral dos Ciganos é uma IPSS (Instituição particular de solidariedade social) que trabalha com crianças do bairro de origem africana e cigana no seu jardim-de-infância. De acordo com a sua responsável:

Este bairro, a nível da população africana, tem uma população com muitos problemas, crianças com problemas muito graves que tocam muito. (...) o que eu noto é que há muita miséria, alguns é mesmo miséria e outros vivem na miséria mas têm carro à porta de casa, mas para a criança não há nada. Há um desleixo completo (...) Muitos deles, quando têm algum problema, é ao Di e à Rita, os nossos monitores, que recorrem, não é ao pai ou à mãe.

Desta forma, as diversas estratégias de educação familiar desta população, assim como a sua relação com a escola e com o mercado de trabalho, terão de ser pensadas em conjunto com a posição de classe destas famílias, os recursos que podem usufruir, e os projectos e perspectivas que aspiram. Foram muitos os investigadores que problematizaram as diferentes estratégias de educação familiar no seio de classes sociais distintas. De acordo com algumas destas teorias, os meios sociais mais favorecidos valorizariam mais o domínio de si, a autonomia e a curiosidade, existindo uma orientação de deixar as crianças fazer a sua própria experiência, usando a persuasão como

“ferramenta” de controlo. Enquanto que as famílias oriundas dos meios populares tenderiam a valorizar mais a ordem, a disciplina e a limpeza, na qual a atitude autoritária e constrangedora prevaleceria (Seabra 1999:28). Esta perspectiva, defendida por Kohn, tem muitas semelhanças com a investigação desenvolvida por Teresa Seabra, que também concorda com a *inequívoca saliência das classes sociais na diferenciação das estratégias de socialização familiar*. (Seabra 1999:30).

A autora ressalta a necessidade do sistema de papéis familiares serem examinados no contexto das redes sociais que o envolve. Isto é, não devemos deixar de fora da análise outros processos de interacção em que os jovens participam, tais como os grupos de amigos, os média, os vizinhos, a escola, entre outros. Este facto prende-se com os processos em constituição sucessivos a que os jovens estão sujeitos ao moverem-se entre diferentes instâncias sociais. (1999:25). Assim, estes devem ser pensados de forma intrínseca às redes sociais que os abrangem, o que torna bastante pertinente analisar os elos que ligam esses diferentes contextos particulares. Segundo esta investigação, existem dois modelos de estratégias familiares de educação das crianças que seriam constituídos pela distinta forma como as famílias filtram, mediatizam e controlam a influência das outras instâncias socializadoras. Contudo, teremos que salvaguardar a diversidade e heterogeneidade no seu interior, já que os concebemos enquanto “tipos ideais”:

- A **estratégia contratualista** seria partilhada pelas famílias pertencentes a um meio social de extracto médio ou alto, mais ligada à burguesia, cujos integrantes completaram e/ou frequentaram um curso do ensino superior ou um curso médio. Nestas famílias costuma-se incentivar as potencialidades da criança e a sua sensibilidade segundo técnicas baseadas na empatia e no diálogo, além de haver uma maior coordenação e abertura com outras instâncias socializadoras. (Seabra 1999:38).
- A **estratégia estatutária** apareceria em oposição à primeira, e estaria associada a famílias de origem social mais desfavorecida, cujos membros desempenhariam trabalhos ligados ao operariado e à pequena

burguesia de execução. As habilitações literárias destas famílias tenderiam a ser mais baixas, variando entre o 4º e o 11º ano. As características e os objectivos da estratégia estatutária *salientam a importância da acomodação às normas sociais vigentes, procuram, de modo coercitivo, assegurar a manutenção desta estabilidade normativa, e atribuem às outras instâncias socializadoras um papel específico e restrito, participando de forma distanciada.* (Seabra 1999:50).

Neste trabalho atribuiremos maior ênfase à estratégia estatutária – por razões que se prendem com a posição de classe das famílias da Quinta da Fonte na divisão social do trabalho – relacionando-a com o universo da escola. As famílias que se “encaixariam” neste tipo de estratégia costumam ter uma metodologia educacional autoritária e constrangedora em relação aos seus filhos, pretendendo condicionar as crianças através do uso massivo do medo e da violência. Um jovem que habita o bairro contou-nos um pouco da influência dos seus pais durante o percurso escolar, revelando-nos o carácter heterogéneo e complexo deste processo em constituição:

Eles acompanhavam o meu estudo. Se eu chumbava, andava na porrada entre aspas. Eles falavam um pouco do percurso que eles tiveram, que foi difícil terminar os estudos, para nós nos mentalizarmos que nós temos estudos para estudar, que eles antes não tinham nada, e batalharmos. Era comum eles dizerem: “Aproveitem, que no nosso tempo não havia nada disso!”. [Entrevistado nº1, descendente de cabo-verdianos, 24 anos.]

Neste caso, ambas as estratégias referidas parecem confluir, pois, ao mesmo tempo que nos narra aspectos autoritários dos seus pais, o carácter da persuasão aparece bem presente. Talvez seja o facto de a mãe deste jovem ter sido professora em Cabo-Verde (trabalha actualmente como empregada de limpeza, pois não aceitaram as habilitações e os certificados que trouxe do seu país de origem) e pertencer a uma classe social baixa que torna a sua

experiência educacional marcada por uma composição híbrida. Ainda assim, consideramos que a prática do diálogo é a que prevalece, de acordo com a citação anterior. A pesquisa da Teresa Seabra é esclarecedora, ao concluir que não encontrou adesão no uso da severidade das sanções aplicadas aos filhos pertencentes às classes sociais baixas, mas antes uma tendência de substituir a punição corporal pela adoção do “sistema da castigos” e da persuasão (1999:54). A relação de grande parte das famílias da Quinta da Fonte com a escola pode ser caracterizada, de forma genérica, como distanciada. As famílias que adoptam este tipo de estratégia educativa (estatutária) tendem a ter muitas dificuldades em entrar e participar no “mundo da escola”, cuja relação acaba por ser marcada pela exterioridade. Em conversas com professores e técnicos das escolas e instituições do bairro em estudo, a pouca participação dos pais era mencionada inúmeras vezes:

O principal problema da escola, na minha opinião, é a falta de participação da família. A família não se envolve, ou, se calhar, nós, professores, não conseguimos o envolvimento da família. (...) Nem nas reuniões de pais nós conseguimos. Há uma ou outra turma de excepção, mas por média conseguimos 6 ou 7 pais numa turma de 22 ou 23 meninos. Não há participação da família, e não havendo participação da família as crianças também não valorizam a escola, é quase o andar cá porque alguém diz que tem de ser, mas ninguém explica porque é que tem de ser... [Vice-presidente da escola EB1 e Jardim de Infância da Apelação.]

Outra professora, desta vez do Jardim de Infância da Quinta da Fonte, expressa a mesma angústia em relação à fraca participação da família no universo escolar:

A nossa maior dificuldade é na colaboração dos pais e na estabilidade das crianças. Falo mesmo da

estabilidade emocional de algumas crianças, porque não são crianças estimuladas, todo o trabalho de estimulação é feito no Jardim de Infância, porque os pais se desinteressam completamente, ou então têm também graves dificuldades.

Pensamos que o principal factor a explicar a ausência de interacção entre a escola e as famílias não reside na pouca importância que estas dariam à escolarização dos filhos, pois colocamos a hipótese desta instituição ser percebida pela maior parte das famílias como algo importante. Pensamos antes que a causa deste pouco diálogo pode ser encontrada nos aspectos de vulnerabilidade económica a que esta população está sujeita, e que têm reflexos no conjunto de expectativas, valores e projectos de vida construídos pelas gerações mais novas, já que estas são “produzidas” num ambiente de classe específico. Como afirma um jovem da Quinta da Fonte, ao responder sobre o baixo aproveitamento escolar de alguns estudantes do bairro:

Para mim, uma das causas é os pais não terem tempo. Há pais que quase não vêem os filhos, só vêem aos fins-de-semana, levantam-se de madrugada para ir trabalhar e só voltam quase a noite: ou o filho está na rua ou o filho está já a dormir. Ou se o filho está em casa, o pai ou a mãe estão já a dormir porque têm que ir trabalhar amanhã. E não é que não haja interesse, falta tempo para os pais, tipo, chegar do trabalho e perguntarem ao filho: “O que é que fizeste hoje na escola? Como é que estava a escola? O que a professora te recomendou? Tens que estudar mais! Tens que fazer isso!”. Raramente há pais que perguntam isso porque se calhar não têm tempo, estão sempre: trabalho – casa, casa – trabalho, e é muito chato, os jovens não são acompanhados. E às vezes também na escola há professores que - não são filhos deles - dizem:

“Querem vir estudar, vêm, se não quiserem podem ficar em casa”. Eles optam por ficar no bairro, e isso é mau para eles porque depois, no futuro, eles, se calhar, não arranjam emprego, não têm muita facilidade para arranjar emprego. [Entrevistado nº3, guineenses, 21 anos].

Pensamos que a forte vulnerabilidade económica em que vive grande parte das famílias da Quinta da Fonte impede uma maior participação dos pais nos domínios da escola. Esta situação prende-se com o facto de a maior parte dos habitantes deste bairro realizar os trabalhos mais precários e instáveis da sociedade portuguesa, designadamente a construção civil (no caso dos homens africanos) e os serviços de limpezas (no caso das mulheres africanas)⁸. Desta forma, a própria dimensão material acaba por influenciar a importância relativa da escola para essas famílias, já que, para quem vive numa situação de penúria, pode ser relativamente pouco importante a reprovação do filho na escola, comparada com as exigências mais elementares de sobrevivência. O carácter preponderante dos aspectos económicos é expresso por uma técnica da *Ajuda de Mãe*, uma instituição que faz atendimentos no bairro:

Os problemas económicos condicionam tudo, condicionam o tempo, condicionam o tipo de trabalho que as pessoas têm, que às vezes saem de manhã e só voltam à noite, e daí não haver muita disponibilidade para brincar com as crianças, para lhes dar atenção. Muitas vezes não há tempo, outras vezes é mesmo desconhecimento, e nós tentamos chamar a atenção, porque muitas vezes as pessoas nem sabem que é importante brincar com os seus filhos.

⁸ A população cigana do bairro trabalha, fundamentalmente, na venda ambulante.

Todo este processo acaba por ter reflexos no aproveitamento escolar destes jovens, pois os alunos das camadas mais empobrecidas têm mais dificuldades para obter um desempenho satisfatório, não só pelas questões dos recursos e apoios, mas também pela própria importância relativa dada ao desempenho individual. Como revela a vice-presidente da escola EB1 da Apelação:

(...) há crianças que são quase negligenciadas. São deixadas de manhã, os pais vão trabalhar cedíssimo, eles tomam conta deles próprios. Vêm trazer os irmãos ao infantário e depois voltam para a casa e almoçam sozinhos. Há dois anos que temos serviço de refeitório e muitos já vêm almoçar aqui para não estarem sozinhos em casa. Mas há muitas situações em que depois o aproveitamento é complicado, as crianças estão cansadas, não têm estímulos, muitos deles vêm à escola porque têm de vir, a família, talvez mais a nível da família cigana, não dá grande valor à escola, e eles acabam por até estarem revoltados por estar aqui e inventam todas as artimanhas para chamar a atenção, para provocar alguma reacção, alguma agitação no sistema. É difícil o aproveitamento. Há crianças com bom aproveitamento, mas mesmo com estas crianças é complicado, porque o ambiente é todo muito pesado, é sempre complicado uma criança conseguir ter um bom aproveitamento...

Uma das conclusões a que chegou Teresa Seabra na sua pesquisa associa o fraco desempenho escolar das crianças de origem mais desfavorecida com a forma distanciada com que os seus pais percebem a escola. Segundo esta socióloga, há uma maior separação entre as esferas da família e da escola que se reflecte ao nível do tipo de participação e de controlo que a primeira desenvolveria. Estas famílias teriam uma maior dificuldade na

penetração do domínio escolar, não percebendo a escola como complemento da esfera familiar, já que lhe atribuem um papel restrito e específico. Não seria a falta de interesse dos pais em acompanhar a escolarização dos filhos o principal adversário para um maior aproveitamento escolar destes, mas as dificuldades de comunicação entre estas duas instâncias. Estas seriam reforçadas pelo desconhecimento, pela impotência e fraca confiança destas famílias em relação ao universo escolar, dada a situação de vulnerabilidade e de empobrecimento em que algumas se encontram.

Assim, lançamos a hipótese de existirem desentendimentos e desencontros entre os tipos de saber e as formas de comunicação praticadas pelas famílias da Quinta da Fonte e os difundidos pelas instituições de ensino (Seabra 1999:69). Consideramos que este tipo de relação distanciada com as escolas foi ainda mais intensificado, no caso do bairro em estudo, por factores associados à maneira como este foi constituído. Ao serem forçadas ao realojamento e despojadas das suas antigas redes de vizinhança e de parentesco, as famílias da Quinta da Fonte foram separadas da sua antiga vida e tiveram que reconstruir todo um conjunto de relações sociais que formavam parte do tecido prático e real no qual assentava o seu quotidiano. Neste deslocamento, grande parte das redes espontâneas de sociabilidade e de interajuda foram destruídas, fazendo com que as pessoas tivessem que refazer e adaptar uma série de práticas sociais, culturais e económicas. Toda esta conjuntura de distanciamento e “incompatibilidade” entre os domínios da família e da escola – que não é exclusivo das famílias de origem africana e cigana, atingindo também os portugueses realojados – repercute-se na motivação dos jovens estudantes do bairro para continuar os estudos e no tipo de projecto que estes constróem para a sua vida.

A pertença étnica entre os jovens filhos de imigrantes africanos e a sua relação com os mundos da escola e do trabalho

Alguns autores atribuem à etnicidade uma fonte de diferenciação social tão importante como a posição de classe na estruturação das sociedades

actuais, especialmente num contexto em que, com as descolonizações, o aumento dos fluxos migratórios se tornou uma realidade. No estudo dos jovens descendentes de imigrantes africanos esta variável é bastante relevante, nomeadamente quando se trata de conhecer as lógicas de educação familiar e de inserção laboral desta população. Para algumas famílias da Quinta da Fonte, formulamos a hipótese de os factores de pertença étnica contribuírem para aumentar o desencontro entre os processos de educação familiar e escolar. Esta situação fica bem expressa nas palavras de um jovem do bairro:

Aqui no bairro, eles [os jovens] só vivem com africanos e têm um pouco a cultura dos pais. E quando vão para a escola encontram uma cultura diferente; depois, em termos de integração, já fica um bocado difícil para eles. Eles não reagem muito bem quando encontram uma cultura diferente, acho que a principal dificuldade deles na escola está na integração noutras sociedades. (...) Então, nós aqui no bairro, tudo o que nós temos aqui: fala-se crioulo, depois a comida que temos é totalmente diferente, depois conhecemos mal a cultura dos próprios portugueses. Depois, quando nós vamos para a escola, encontramos uma cultura que tem um pouco a ver com a nossa, mas que eles tomam por um lado diferente. [Entrevistado nº1, descendente de cabo-verdiano, 24 anos].

Só poderemos compreender a etnicidade do ponto de vista relacional, ou seja, na relação com o outro. Portanto, os fenómenos de estigmatização e discriminação sofridos por muitos filhos de imigrantes são cruciais para compreender os múltiplos processos de construção identitária, assim como o desenvolvimento da sua trajectória escolar e profissional. A localização isolada do bairro, a existência de um estatuto social vulnerável entre os seus habitantes (grande parte dos jovens de origem africana não tem a nacionalidade portuguesa, como é o caso dos entrevistados 2 e 3) e a

segregação de que são vítimas são alguns dos fenómenos centrais para a apreensão da vida social desta camada juvenil. Neste contexto, não é de espantar a pouca identificação desses jovens com o conteúdo educacional transmitido pelas instituições de ensino, que valorizam pouco as referências culturais dos países de origem dos seus pais. Quase todos os jovens com quem conversámos na Quinta da Fonte salientam a especificidade da cor da pele e da nacionalidade estrangeira como uma barreira para se entrar no mercado de trabalho:

Está muito difícil, é muito difícil. O jovem de origem africana encontra emprego onde os outros não querem, onde aqueles que têm mais possibilidades acham que não é aquilo que eles querem fazer, o que torna tudo mais difícil.
[Entrevistado nº3, descendente de guineenses, 21 anos.]

Para estes jovens – mesmo para aqueles que conseguiram concluir o secundário ou que apresentam um bom aproveitamento escolar – é muito difícil conseguir trabalho fora do sector da construção civil. A entrada destes jovens no mercado de trabalho começa bastante cedo, entre os 14 e os 16 anos, quando acompanham o pai numa obra para conseguir uns “trocós” durante o período das férias escolares. Entretanto, a obtenção de trabalhos alternativos (fora da construção civil) é referenciada por todos como algo bastante difícil, até porque as suas redes sociais de interajuda estão mais localizadas dentro deste segmento profissional.

Apesar de sabermos que as situações de continuidade laboral são as que prevalecem para os filhos de imigrantes africanos, verifica-se uma maior heterogeneidade de emprego entre eles do que em relação aos seus progenitores. O trabalho em lojas, restaurantes (como a Telepizza ou Macdonald's) e empresas de segurança e na distribuição de panfletos são algumas das alternativas encontradas, cujo denominador comum é a precariedade. Porém, encontramos alguns percursos profissionais distintos, em

que alguns jovens conseguiram inserir-se em áreas melhor remuneradas, tais como: montagem de computadores, informática, fotografia, vídeo, produção musical, e pintura de veículos. Pensamos que o que distingue estas profissões é a sua relação com as novas tecnologias, que terão de ser melhor avaliadas pelos integrantes das associações e instituições do bairro, dado o seu manancial de possibilidades profissionais. Infelizmente, estes são exemplos minoritários, já que o desemprego e a precariedade estão disseminados por esta população. Como até na construção civil se vive uma crise de emprego, o projecto de emigrar é um desejo bastante comum entre estes jovens, e muitos já passaram à prática:

Portugal em termos de emprego está mal, ele [o seu irmão] como um jovem que está a pensar no futuro, já tem mulher e filho, não pode viver um bocado à “sombra da bananeira”. (...) Ele trabalhava, depois o trabalho parava, depois para tentar arranjar trabalho demorava algum tempo. E como ele já tinha família, quer dizer... Ele disse que não dava, teve que ir para fora. Ele foi primeiro para Londres, não correu como ele estava a pensar, voltou para Portugal e depois foi para a França. Agora está a trabalhar em Nice. (...) Se a situação de Portugal não melhorar... Se eu vir que para ficar mais estável na vida é preciso emigrar, não tenhas dúvidas que eu vou, sem pensar duas vezes. [Entrevistado nº1, descendente de cabo-verdiano, 24 anos.]

A construção de projectos individuais distintos no contexto de uma mesma posição de classe

Percebemos nos capítulos anteriores como a dimensão familiar, a posição de classe e a pertença étnica são fundamentais na construção de um conjunto de expectativas, valores e representações. E que tais elementos estão

intimamente interligados com os tipos de percurso escolar e profissional de uma determinada camada populacional, incidindo de forma contundente na elaboração de um projecto individual. Pensamos que a operacionalização deste conceito é importantíssima para retomar as questões acima mencionadas, pois, numa sociedade de extrema diversidade, o projecto surge como tentativa consciente de dar um sentido a essa experiência fragmentada. (Velho 1987:31). Portanto, o projecto surge como uma boa oportunidade de se conseguir observar continuidades e descontinuidades no interior de mesma categoria social (sejam classes sociais, grupos étnicos ou religiosos), constituindo-se como um demonstrativo da riqueza e multiplicidade de trajectórias sociais na nossa sociedade. A relação entre projecto individual e as dimensões da vida social em que o agente participa é crucial para entendê-lo, pois *os projectos são elaborados e construídos em função de experiências socioculturais, de um código, de vivências e interacções interpretadas*. (Velho 1987:26).

A diversidade de experiências e costumes são aspectos principais da vida urbana, referenciados desde os trabalhos de Simmel e Wirth, e que se reflectem na diversidade de projectos individuais que estão em jogo numa metrópole. Contudo, tais projectos devem ser contextualizados histórica e culturalmente, não sendo um processo puramente individual e subjectivo. Ou seja, este é edificado dentro de um campo de possibilidades que está subjacente aos indivíduos, já que se formula intrinsecamente com as suas condições materiais de existência, experiências individuais, prioridades e paradigmas culturais. (Velho 1987:27). Em relação aos jovens da Quinta da Fonte, a formulação dos seus projectos individuais é construída dentro de um campo de possibilidades muito limitado e exíguo. Este aspecto é preponderante para a melhor compreensão dos seus percursos escolares e profissionais, que em muitos casos não vão mais longe devido ao seu estatuto social vulnerável. Esta ideia é melhor compreendida nas palavras de um jovem do bairro:

Aqui ninguém diz: “Pá! Quando eu crescer eu quero ser aquilo, ou vou trabalhar para ser aquilo”. Às

vezes, muitos desses sonhos e objectivos são muito curtos. (...). Muitos não dizem o que querem fazer, querem é ganhar dinheiro, e é isso que eu penso. [Entrevistado nº2, descendente de angolano, 20 anos].

Apesar de certas influências serem comuns ao conjunto dos jovens filhos de imigrantes da Quinta da Fonte, o carácter heterogéneo das trajectórias sociais e de elaboração dos projectos individuais foi amplamente notado durante a pesquisa no terreno. Todos os jovens que entrevistámos eram vistos pelas instituições presentes no bairro como exemplares, pois apresentavam percursos escolares com um bom aproveitamento e nunca se tinham envolvido em actividades ilícitas. Em conversas com alguns deles, notou-se uma clara demarcação, que em alguns casos chega a ser de reprovação, com os percursos exercidos por outros jovens do bairro. Esta demarcação manifesta-se aparentemente mais a nível do projecto individual do que propriamente de um estilo de vida diferenciado. Como refere o entrevistado nº3, ao falar sobre os jovens do seu bairro:

Identifico-me com muitos deles, embora não concorde com o que alguns façam, mas identifico-me com eles, isto também depende do pensamento de cada um. Eu sinto-me identificado com eles porque vivemos no mesmo sítio, fazemos quase as mesmas coisas, gostamos de quase as mesmas coisas, só que temos pensamentos diferentes.

A ideia de que certos jovens do bairro não pensam no futuro foi uma das justificativas mais utilizadas pelos jovens com que conversámos, imprimindo uma diferenciação que se relaciona claramente com a elaboração de um projecto individual distinto. Um exemplo é a afirmação do entrevistado nº1:

Acho que a maneira deles verem a vida é diferente da minha maneira, porque eles não pensam

no futuro. Não sei quem é que disse: “Aproveita melhor um dia de cada vez”. E eles vão mais nessa onda, eles fazem porcaria porque não sabem se morrem noutro dia, eles roubam mais à base disto, não pensam no futuro...

Desta forma, concluímos que é fundamental para a compreensão desta camada juvenil a articulação da vida familiar com as actividades económicas dos seus membros, pois são duas dimensões inseparáveis da vida social dos indivíduos. A pertença étnica, a elaboração de projectos individuais e os percursos escolares e profissionais foram outras dimensões que tivemos que ter em conta, dado a interpenetração das diferentes esferas da vida social, que só fazem sentido quando analisadas articuladamente. Por fim, queremos ressaltar a multiplicidade de trajectórias individuais entre os jovens da Quinta da Fonte, pois por *mais que seja possível explicar sociologicamente as variáveis que se articulam e actuam sobre as biografias específicas, há sempre algo de irreduzível, não devido necessariamente a uma essência individual, mas sim à combinação única de factores psicológicos, sociais, históricos, impossível de ser repetida “ipsis litteris”*. (Velho 1987:28).

Referências bibliográficas

Agier, Michel, *Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização*, MANA, 2001;

Agier, Michel, *Betwen war and city. Toward an urban anthropology, of refugee camps*, Ethnography, SAGE publications, vol. 3, nº3: 317-366;

Bauman, Zygmunt, *In the lowly nowherewilles of liquid modernity*, Ethnography, SAGE publications, vol. 3, nº 3: 343-349, 2002

Baptista, Luís e Joan Pujadas, *Confronto e Entreposição: os efeitos da metropolização na vida das cidades*, Fórum Sociológico, nº 3/4, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2000;

Feixa, Carles, *De jóvenes, bandas y tribus*, Barcelona, Editorial Ariel, 1999;

Fernandes, Luís, *Los “territórios urbanos” de las drogas. Un concepto operativo* in M. Díaz e O. Romani (org.): *Contextos, Sujeitos y Drogas: un manual sobre drogodependencias*, Barcelona, Institut Municipal de Salut Pública, 53-59, 2000;

Fradique, Teresa, *Fixar o Movimento – Representações da música rap em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2003;

Fruin, Mark, *The family as a Firm and the Firm as a Family in Japan: The case of Kikkoman Shōyu Company Limited*, *Journal of Family History*, Winter, 1980:432-449;

Hall, Stuart, *A identidade cultural na pós-modernidade*, DP&A Editora, Rio de Janeiro, 2002;

Hannerz, Ulf, *Exploración de la ciudad*, Fondo de Cultura Económica, 1986

Lima, Antónia Pedroso de, *Quando família e a empresa se ornaram inseparáveis*, *Etnográfica* Vol.VIII (1), 2004:117-136;

Magnani, José Guilherme Cantor, *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*, *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 17(49), 2002;

Malkki, Liisa, *News from nowhere – Mass displacement and globalized ‘problems of organization’*, *Ethnography*, SAGE publications, vol. 3, nº 3: 351-360, 2002;

Pleck, Elizabeth, *Two worlds in one: work and family*, *Journal of Social History*, Vol.10 (2), 1976:178-195;

Seabra, Teresa, *Educação nas Famílias: Etnicidade e classes sociais*, Instituto de Inovação Educacional – Ministério da Educação, Lisboa, 1999;

Velho, Gilberto, *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1987;

Vermeulen, Hans, *Imigração, Integração e a Dimensão Política da Cultura*, SOCINOVA, Edições Colibri, Lisboa, 2001.